



Construção artesanal de violas machete no Recôncavo baiano após a patrimonialização do samba de roda (2004-2022)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Rodrigo Chaves Veras¹
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
rodrigochavesveras@yahoo.com.br

Resumo. O artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a construção artesanal de violas machete do Recôncavo Baiano. Perante a revitalização da construção desse instrumento, que ganhou impulso após a patrimonialização do samba de roda, o objetivo do trabalho é analisar de que maneira essa retomada da prática artesanal vem sendo executada por construtores e instituições. Através de pesquisa bibliográfica, iconográfica, etnográfica, organológica são analisadas as principais iniciativas que buscaram reintroduzir o uso da viola machete em grupos tradicionais de samba chula. Como resultado, o artigo avalia que, apesar dos esforços de atores sociais e instituições envolvidas, o processo corre o risco de não ter um caráter duradouro. O artigo propõe caminhos para que essa revitalização se torne permanente em diálogo com o papel da etnomusicologia como campo de conhecimento essencial para o acompanhamento da salvaguarda de bens musicais.

Palavras-chave. Viola brasileira. Samba de roda. Patrimônio cultural imaterial. Cordofones dedilhados.

Title. Handmade Construction of “Violas Machete” in the “Recôncavo Baiano” after the “Samba de Roda” Patrimonialization (2004-2022)

Abstract. The article presents the results of research on the handmade construction of violas “machete” from “Recôncavo Baiano”. In view of the revitalization of the construction of this instrument, which gained impulse after the patrimonialization of “samba de roda”, the objective of the work is to analyse in what way builders and institutions have performed this resumption of the craft practice. Through bibliographic, iconographic and ethnographic research, the main initiatives that sought to reintroduce the use of the viola “machete” in traditional “samba chula” groups are analysed. As a result, the article assesses that despite the efforts of social actors and institutions involved this process runs the risk of not having a lasting character. The article proposes ways for this revitalization to become permanent in dialogue with the role of ethnomusicology as a field of knowledge essential to monitoring the safeguarding of musical assets.

Keywords. Brazilian five-course guitar. “Samba de roda”. Intangible heritage. Plucked cordophones.

¹ O autor é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPE, na linha de pesquisa “Música, Cultura e Sociedade”. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. A pesquisa que vem sendo desenvolvida se chama “Investigando a construção artesanal de violas de samba do Recôncavo Baiano: organologia, iconografia e memória”.



Introdução

O presente artigo aborda a construção artesanal da viola machete², instrumento musical fundamental para alguns grupos tradicionais que praticam o samba de roda no Recôncavo Baiano, notadamente, o samba chula. No ano de 2006, foi publicado o Dossiê do IPHAN “Samba de roda do Recôncavo Baiano” e essa expressão cultural foi proclamada Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO (SANDRONI, 2005, 2010; IPHAN, 2006; SANDRONI, SAMSON, 2020; CARMO, 2009; GRAEFF, 2015; SIQUEIRA, 2019; GRAEFF, PINTO, 2012). Desde então, foram realizadas diversas atividades para dar apoio à continuidade dessa manifestação cultural, entre elas a retomada da construção artesanal do instrumento.

O artigo busca compreender a relação entre a retomada da construção artesanal da viola machete após a patrimonialização do samba de roda e as políticas públicas que envolvem a salvaguarda da construção dessa viola. A abordagem tem como referencial teórico o trabalho de Dawe (2013) que compreende os instrumentos musicais como objetos materiais que “enredados em fluxos culturais globais, mas também mantidos localmente, empoderados e agenciados, ressoam com significado social”³ (DAWE, 2013, p.1). Os instrumentos musicais são artefatos materiais culturais centrais para a socialização dos seres humanos. Sendo assim, estão sujeitos a imperativos estéticos, econômicos, políticos, éticos e ambientais. Alguns imperativos “externos” influenciam a transformação dos instrumentos musicais: disponibilidade de recursos florestais e substituição de bens naturais, cordas comercializáveis na atualidade, tecnologias provenientes do mercado de fornecedores de ferramentas, aproximação de violeiros que começam a produzir trabalhos com a viola machete em linguagem instrumental em repertório distinto dos grupos de sambas chula.

A organologia cultural é “a ciência dos instrumentos musicais, que compreende não apenas a sua classificação, mas sim o seu entorno espacial, temporal e humano” (SATOMI, 2008, p.24). O estudo da transformação dos instrumentos musicais e das práticas artesanais associadas pode acrescentar aos estudos organológicos culturais na medida que se assume a importância das relações que “são mobilizadas em torno dos objetos materiais e do poder

² Viola machete é o termo mais usado pelas comunidades de samba chula em São Francisco do Conde (BA) e se refere à uma viola “pequena” de dez cordas. Outros nomes como ligina, machetinho, viola de samba são mencionados nos dados da pesquisa e na bibliografia consultada.

³ Do original: “Entangled in global cultural flows, but also held in place locally, empowered and agential, musical instruments resonate with social significance” [tradução do autor].



coisa que eles possuem”⁴ (BATES, 2012, p. 388). A viola machete é um artefato material cultural fundamental para a formação da identidade de grupos, comunidades e pessoas ligadas a esse instrumento e ao samba chula.

No que diz respeito ao plano de salvaguarda previsto no Dossiê (IPHAN, 2006, p.87) o componente “Reprodução e Transmissão” constitui o ponto de partida para a análise do artigo. Uma das ações mais urgentes do referido plano diz respeito ao saber fazer e ao saber tocar a viola machete:

Para o saber fazer, trata-se propriamente de uma revitalização, na medida em que o último artesão de violas de samba (...) morreu há mais de 20 anos [Clarindo dos Santos] (...) será necessário reconstruir violas de samba e machetes a partir dos poucos exemplares remanescentes, e com a ajuda de artesãos-luthiers que, no Recôncavo ou em outras regiões do país, ainda fazem violas similares. As violas que vierem a ser construídas por esses artesãos serão, é claro, testadas pelos sambadores para posterior aperfeiçoamento (IPHAN, 2006, p. 87-88).

Em que medida a patrimonialização do samba de roda interferiu na produção das violas machete do Recôncavo Baiano? Essa relação, aparentemente indireta, tem sido vivenciada pelas pessoas que convivem de diversas maneiras com a viola machete. No processo de apropriação de bens culturais pelas comunidades, se pode analisar como as diferentes ações de revitalização da construção artesanal de violas machete foram assimiladas por sambadores e sambadeiras.

Sobre o diálogo entre comunidades e patrimonialização de bens culturais, Hafstein (2013) alerta sobre perigos do regime patrimonial censurar as vozes discordantes nas tentativas de estabelecer “certas configurações de relação ou de autoridade como unidades estáveis que falam uma só voz (...) silenciando qualquer dissidência” (HAFSTEIN, 2013, p. 30). Já no que diz respeito à necessidade de avaliação das políticas públicas relativas aos bens patrimonializados Isabel Guillen (2013) destaca:

“Como aqueles que são detentores de bens culturais considerados patrimônio cultural do Brasil têm se apropriado das políticas públicas voltadas para o patrimônio? (...) Isto, porque, passados já alguns anos dos primeiros processos de patrimonialização dos bens da cultura imaterial, pouco se tem discutido sobre como se deu o processo de apropriação pela população (...) dos bens patrimonializados e das políticas públicas voltadas ao patrimônio imaterial” (GUILLEN, 2013, p. 218).

O artigo se divide em mais três sub-tópicos: “processo de retomada da construção artesanal da viola machete”; “por uma revitalização longa e duradoura” e “considerações finais”. O principal objetivo é fazer uma revisão crítica dos percursos traçados por projetos

⁴ Do original: “(...) are mobilized around material objects and the thinger-power that they possess” [tradução do autor].



culturais que previram a retomada da construção artesanal de violas machete no Recôncavo Baiano. O trabalho ressalta a importância de avaliação das políticas públicas relativas aos bens culturais, bem como a necessidade de organização, manutenção, conservação e divulgação dos acervos de instrumentos, almejando contemplar a memória dos atores sociais envolvidos e a revitalização efetiva da prática da construção artesanal das violas machete.

Através de dados provenientes de pesquisa bibliográfica, iconográfica, etnográfica e organológica são analisadas as principais iniciativas que buscaram revitalizar a construção da viola machete. Vale destacar que sou construtor de violas e tenho participado de ações de apoio à revitalização da construção artesanal do instrumento junto à Associação Cultural José Vitório dos Reis (Zé de Lelinha) com sede em São Francisco do Conde (BA), desde 2012. Esse olhar particular e, de certa maneira, privilegiado me aproxima do objeto de estudo e, sobretudo, de pessoas que têm vivenciado em seu cotidiano a retomada da viola machete em grupos tradicionais de samba chula.

Processo de retomada da construção artesanal da viola machete

O almejar a reinserção da prática da construção artesanal da viola machete nas comunidades de samba chula só se sustenta pelo significado simbólico que o instrumento tem para os grupos que a usam ou usaram. Em relação aos processos dinâmicos das práticas artesanais, Canclini (2019) acrescenta: “todos esses usos da cultura tradicional seriam impossíveis sem um fenômeno básico: a continuidade da produção de artesãos (...) interessados em manter sua herança e renová-las” (CANCLINI, 2019, p. 217). No que se refere à presença da viola machete nas comunidades de samba do Recôncavo Baiano, Sandroni (2010, p.379) alertou para a carência de instrumentos disponíveis e a relação com a transmissão dos saberes musicais. Essa constatação foi feita durante pesquisas realizadas em 2004 para a elaboração do Dossiê “Samba de roda do Recôncavo Baiano”:

O último artesão de machetes conhecido chamava-se Clarindo dos Santos e faleceu nos anos 1980 (...). Em nossas pesquisas, vinte anos depois, encontramos cinco ou seis machetes em mãos de sambadores, a maioria em péssimo estado, e sem músicos capazes de tocarem-nos bem. Na cidade de São Francisco do Conde, no entanto, um músico possuía um machete em bom estado e sabia tocá-lo bem. Participava do grupo “Samba chula Filhos da Pitangueira” e se chamava José Vitorino dos Santos, conhecido na cidade como “Zé de Lelinha” (SANDRONI, 2010, p. 379).

A presença do objeto viola machete constitui um relevante aspecto para que o ensino aprendizagem do saber tocar se torne possível. Lordelo (2009, p.165-174) realizou entrevista com Jean Joubert, etnomusicólogo contratado pelo IPHAN para coordenar as oficinas



ocorridas em São Francisco do Conde, em 2005. Foi a primeira tentativa de incentivo à transmissão do saber tocar viola machete após a patrimonialização do samba de roda:

“(...) o IPHAN estava tentando também montar essa oficina pra fabricar a viola, porque a gente tava tentando montar uma oficina pra ensinar, só que não tinha nem viola pra isso. A única viola que a gente tinha lá era a de Zé mesmo. Então, como fazer isso aí?” (LORDELO, 2009, p.166).

A solução criada foi comprar violas machete construídas por Tonho de Duca que usou como referência a viola utilizada por Zé de Lelinha. Sandroni (2010, p. 378-379) relata as primeiras tentativas de incentivo à transmissão dos saberes musicais no período em que Zé de Lelinha ensinou a tocar essa viola para jovens de São Francisco do Conde, em 2005. O processo não foi tão linear e envolveu expectativas e frustrações na participação do construtor, como aponta Jean Joubert:

Sêo Tonho de Duca foi pra S. Fco. do Conde, e aí era um caos pra ele. Ele tava fora da localidade dele (...) o salário prometido pra ele poder trabalhar, não tinha (...) ele é carpinteiro, teve que começar a fazer telhado, concertar as barcas, pra poder sobreviver. Ele alugou um espaço de um cômodo, cerca de 6m², com um vazamento horroroso quando chovia (...) Mesmo assim, sêo Antônio topou fabricar as violas e foi fabricando aos poucos. Então, já no final das oficinas (...) nós conseguimos contar com três violas pros meninos poderem exercitar (LORDELO, 2009, p. 169-170).

Tonho de Duca, natural de Cachoeira (BA), tem um papel fundamental na retomada do uso das violas machete. O construtor aprendeu o ofício observando seu pai e construiu as primeiras violas para o violeiro Milton Primo⁵. Quando fui pela primeira vez ao Recôncavo, em 2012, para realizar pesquisas sobre as violas, o construtor não estava mais exercendo o ofício e tudo indica que tinha suspenso as atividades.

Natural de São Francisco do Conde, Milton Primo é um personagem fundamental na reinserção das violas machete em grupos de samba chula. O violeiro aprendeu a arte durante as oficinas com Zé de Lelinha, ocorridas entre 2005 e 2007, e através de estudos de áudios registrados e memória dos antigos sambadores e sambadeiras que cantarolavam as melodias para ele “tirar” na viola. Sobre sua aproximação com o instrumento Milton Primo relata que:

Em 2008 (...) numa conversa com Zeca Afonso, líder e fundador do Grupo Samba Chula Filhos da Pitangueira (...) tive uma notícia que me despertou ainda mais para o tema. O grupo estava com suas atividades paralisadas e sem previsão de retorno, pois o Mestre Zé de Lelinha (...) tinha sido acometido por um derrame cerebral, estando impossibilitado de tocar (PRIMO, SIQUEIRA, 2020, p.47).

⁵ Sobre Milton Primo consultar Doring (2018, p.239), Nobre (2021, p. 102-103) e Primo e Siqueira (2020, p.41).





Observada a carência do fornecimento das violas, Milton Primo tentou apoio institucional junto à Prefeitura de São Francisco do Conde, em 2012, para comprar instrumentos construídos por Tonho de Duca. O objetivo era adquirir as violas para realizar ações de transmissão dos toques tradicionais a crianças e jovens da comunidade da Pitangueira. O projeto Essa Viola dá Samba!, em sua primeira versão, apesar de ter tido um aceno de apoio da Secretaria de Cultura do município não saiu do papel (DORING, 2018, p.246-247).

Em 2012 foi inaugurada a primeira Oficina de construção de viola machete no Recôncavo na sede da ASSEBA (Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia), em Santo Amaro (BA). O projeto recebeu apoio do IPHAN, PETROBRAS e MinC e se chamou “Oficinas de Viola Machete”. O construtor responsável pelo ensino foi Cabral, de Salvador (BA). Foi a primeira ação que incluiu a compra de materiais para a montagem de uma oficina permanente de construção. O projeto ocorreu durante dois anos e as violas construídas não foram bem aceitas pelos violeiros que as testaram depois de prontas. Algumas dificuldades foram apontadas por Nobre (2021):

(...) o luthier responsável pela condução dos trabalhos - o construtor Cabral, de Salvador - teve que deixar o projeto logo no início, por motivos de saúde, sendo substituído pelo aprendiz de luthier Marcos Santos, o Marcos “Broder”, da cidade de Berimbau (BA). O fato deste novo instrutor ser “local” do Recôncavo, mas com pouca experiência no ofício, era também coerente com os objetivos de inclusão social e qualificação profissional para uma nova geração de aprendizes e sambadores locais (NOBRE, 2021, p.72).

Participei do evento de encerramento do projeto “Oficinas de Viola Machete” e realizei pesquisa organológica das principais características físico acústicas de duas violas construídas por Clarindo dos Santos que não estavam em condição de uso e pertenciam ao acervo de Milton Primo⁶. O meu desejo em ser um colaborador na ação de retomada da viola machete foi concretizado com a construção da primeira viola para Milton Primo, em 2013. A partir da aprovação dessa viola pela comunidade de sambadores e sambadeiras de São Francisco do Conde reconheci que poderia ser capaz de colaborar com a revitalização da construção do instrumento.

Após a entrega dessa viola submetemos, eu e Milton Primo, uma versão modificada do projeto Essa Viola dá Samba! ao Edital “PETROBRAS COMUNIDADES 2013”. O projeto foi realizado de 2014 a 2016. Os objetivos principais foram formação de construtores

⁶ Consultar <<https://corpodusom.blogspot.com/2013/06/viola-machete-construida-para-milton.html>>. Último acesso em 10/02/2022.





de viola machete e de novos violeiros. Dividimos os grupos de aprendizes entendendo que o saber tocar e o saber fazer, apesar de serem conhecimentos complementares, são dois campos de atuação distintos. Minha função no projeto foi a coordenação de ensino da construção da viola machete a dez aprendizes ligados ao samba de roda. O projeto previu três meses para compra de materiais e montagem da Oficina e vinte e um meses de capacitação em construção artesanal de viola machete. No que diz respeito aos aspectos organológicos mantivemos a massa de ar interna, o formato do corpo, localização da boca, comprimento do braço, comprimento da corda vibrante. Esses elementos são fundamentais para alcançar a tessitura do instrumento. Um estudo metodológico das violas machete antigas trará informações importantes sobre as tecnologias adotadas pelos construtores tradicionais do Recôncavo Baiano⁷.

Ao final do primeiro ano do projeto dez violas foram produzidas por mim e os aprendizes de forma colaborativa. Essas violas foram doadas à Associação Cultural Zé de Lelinha para a transmissão de conhecimentos musicais. No segundo ano, construímos mais dez violas. Dessas, cinco foram vendidas sendo a verba revertida para os aprendizes e cinco foram construídas exclusivamente pelos aprendizes, sob minha supervisão, para violeiros que tocavam mas não tinham violas em condições de uso. Os violeiros beneficiados foram: Aurino, de Maracangalha (BA); Celino, de Terra Nova (BA); Ferrolho, de Muritiba (BA), Manoel, de São Sebastião do Passé (BA), Cristovão, de Conceição do Jacuípe (BA).

O projeto previu uma continuidade das ações mesmo após o “término” oficial em 2016 e foram adquiridos materiais a mais do que os necessários para as vinte violas previstas. Com esses materiais cada aprendiz construiu um instrumento para si. Em vinte e um meses construímos mais de trinta violas. Se levarmos em consideração que em 2004 apenas uma viola machete estava em condição de uso essa produção, realizada entre 2014 e 2016, já é algo a ser pontuado como favorável à retomada de violas machete nos grupos que têm registrado o uso dessa viola em sua memória musical.

Não me cabe fazer uma avaliação sobre os trabalhos do projeto Essa Viola dá Samba! enquanto eu estava envolvido com o ensino, apesar da autocrítica fazer parte de minha práxis enquanto educador e construtor de instrumentos⁸. Gostaria de pontuar que o projeto buscou aprimorar as iniciativas anteriores incluindo uma perspectiva profissionalizante e crítica na formação dos construtores. Foi oferecido um curso de estudo de viabilidade econômica e gestão democrática, e elaboramos um plano de negócios. Essas

⁷ Esse é um dos principais objetivos da pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo autor durante o Mestrado.

⁸ Para conhecer as etapas do biênio consultar Veras (2015).



ferramentas foram importantes para que os alunos fossem preparados para exercer a construção de um modo colaborativo, economicamente viável e que reforçasse o pertencimento da comunidade com o instrumento.

Alguns desdobramentos do projeto merecem ser listados para que se tenha uma dimensão da importância das iniciativas da Associação Cultural Zé de Lelinha e seus colaboradores: “Exposição Corpo Du Som” durante a inauguração do “SESC SONORA BRASIL 2015-2016 - Violas Brasileiras” com demonstração didática do processo de construção de violas machete; Projeto “Cinema, Samba e Viola” com produção e projeção de vídeos em localidades do Recôncavo; formação de novos construtores; reintrodução da viola em “grupos antigos” e surgimento de novos grupos; formação de uma nova geração de violeiros através das aulas ministradas por Milton Primo; geração de conteúdo em plataformas digitais e criação de canal no *Youtube*⁹. Talvez o desdobramento mais representativo, do ponto de vista institucional, tenha sido a aprovação do “Registro Especial do Modo de Saber e Fazer a Viola Machete” pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC, 2022). Um projeto embrionário é a inauguração do “Memorial da Viola Machete”, concebido por Milton Primo. O acervo é composto por instrumentos musicais, fotografias, livros e vídeos, além de roupas e artefatos particulares do violeiro Zé de Lelinha. Atualmente, a Associação Cultural Zé de Lelinha está executando o Projeto “Tem Criança no Samba”, que tem como objetivo principal dar continuidade ao ensino da viola machete para mais uma nova geração. Desde 2014, a Associação vem submetendo projetos culturais a editais públicos para dar continuidade às ações de ensino do saber tocar e saber fazer viola machete.

Acredito que o legado do Projeto Essa Viola dá Samba! foi incentivar a atitude política por parte dos artesãos formados buscando oferecer meios para que os mesmos assumissem as diretrizes e desdobramentos. O objetivo do “ensinar” a construir viola não era “resgatar” modos de fazer tradicionais, até porque tecnicamente falando esse nunca foi um objetivo. E sim contribuir para a reinserção crítica desse bem musical e desse saber artesanal buscando uma efetiva revitalização da construção do instrumento. Diana Taylor (2008) sobre o patrimônio intangível acrescenta: “As práticas prosperam tanto quanto as pessoas as considerem significativas. Nada mais asseguraria suas sustentabilidades” (TAYLOR, 2008, p.102). E nenhum objeto é mais significativo para os sambadores e sambadeiras do samba chula, ao menos em São Francisco do Conde, do que a viola machete.

⁹ Ver <<https://www.youtube.com/c/MiltonPrimo>>. Último acesso em 10/02/2022.

Por uma revitalização longa e duradoura

A “Convenção pela Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial” da UNESCO de 2003, que serviu como referência para a elaboração do Dossiê “Samba de roda do Recôncavo Baiano”, prevê a identificação, documentação e pesquisa, valorização, transmissão e revitalização dos bens culturais. No caso da viola machete, a transmissão do “saber tocar” e do “saber fazer” é intrinsecamente ligada à revitalização da construção artesanal do instrumento, haja vista a carência identificada durante a pesquisa que propiciou a escrita do Dossiê.

Tucci (2013) defende que os arquivos sonoros e outros objetos relacionados à música de tradição oral devem ser encarados como bens culturais e como tais necessitam de proteção crítica dos acervos; apoio e desenvolvimento de pesquisa de campo; valorização e divulgação dos acervos; emprego de profissionais etnomusicólogos formados com atenção ao trato dos bens musicais. Para que as políticas de salvaguarda possam ser implantadas com certas garantias de pertinência e cientificidade é necessário inserir as competências especializadas não só para identificar, mas sobretudo para projetar as formas de salvaguarda. Sobre o assunto Tucci (2013) acrescenta:

Tal responsabilidade não pode ser assumida por políticos ou administradores, por apaixonados ou por músicos: a etnomusicologia profissional deve ser estavelmente envolvida neste importante processo, com um papel norteador e de consultoria permanente¹⁰ (TUCCI, 2013, p.219).

A ausência de acompanhamento profissional configura: “um patrimônio que corre o risco de ser completamente negligenciado ou, pior ainda, objeto de iniciativas tão incongruentes, quanto esporádicas e aleatórias”¹¹ (TUCCI, 2013, p. 220). Um certo distanciamento dos órgãos públicos competentes tem deixado à deriva o trato dos bens musicais associados à viola machete. Pouco se tem dado atenção à tutela, restituição às comunidades dos bens produzidos e catalogações dos bens musicais ainda conservados nos acervos públicos e particulares, em especial as violas antigas.

Após 2015, com o encerramento da “Oficina de Viola Machete” houve um destacamento por parte do IPHAN do processo de revitalização. Contraditoriamente, em

¹⁰ Do original: “Tale responsabilità no può venire assunta da politici o da amministratori, da appassionati o da musicisti: l’etnomusicologia professionale deve venire stabilmente coinvolta in questo importante processo, con un ruolo di indirizzo e di consulenza permanente” [tradução do autor].

¹¹ Do original: “un patrimonio che rischia quindi di restare del tutto trascurato o, peggio ancora, oggetto di iniziative tanto incongrue quanto sporadiche e casuali”[tradução do autor].

2020, o IPHAN reconheceu nos “Cadernos de Salvaguarda de Bens Registrados” a gestão autônoma do projeto Essa Viola dá Samba!, bem como o “resgate” da construção e reinserção do instrumento em grupos de samba chula (PRIMO; SIQUEIRA, 2020). Durante a execução do Projeto Essa Viola Dá Samba! (2014-2016) não recebemos visitas técnicas do IPHAN, do IPAC/BA, ou da ASSEBA. Apesar dos esforços da Associação Cultural Zé de Lelinha, seus associados e colaboradores, a descontinuidade dos trabalhos observada após 2016 é uma realidade que precisa ser revertida¹².

Os órgãos públicos competentes deveriam assumir a responsabilidade de fornecimento de infraestrutura, acompanhamento periódico, formação técnica para trato dos acervos¹³. Para uma efetiva revitalização da viola machete é necessário reestabelecer o diálogo entre atores sociais e instituições, almejando políticas públicas colaborativas. A participação social é prevista nos processos de patrimonialização mas o Estado tem responsabilidade prevista na Constituição de 1988 e nas normas subsequentes que tratam das políticas de salvaguarda: Decreto 3.551/00, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de 2003 da UNESCO, as Portarias IPHAN 299/2015 e 200/2016. Será que o papel do Estado em relação aos bens patrimonializados se limita a reconhecer os trabalhos promovidos por associações culturais locais?

Considerações finais

A patrimonialização do samba de roda do Recôncavo Baiano foi um passo importante para a salvaguarda dos bens culturais associados à essa manifestação. Os objetos físicos associados à construção da viola machete representam uma parte importante da cultura material que em diálogo com os saberes envolvidos (cultura imaterial) podem ser concebidos como bens culturais/musicais.

As abordagens etnomusicológicas e etnorganológicas são fundamentais para diminuir a dicotomia que possa existir entre patrimônio material e imaterial. Um olhar histórico atento, crítico e auto crítico sobre a salvaguarda da viola machete se faz necessário com atenção especial aos arquivos e acervos: tutela, conservação, incentivo à pesquisas, catalogação, digitalização e fruição desse patrimônio. Para uma real revitalização da construção da viola machete é fundamental o apoio dos órgãos governamentais que possam

¹² A Associação Cultural Zé de Lelinha aprovou pelo menos mais dois projetos: Rumos Itaú Cultural, em 2017, para fortalecimento do grupo produtivo e “Tem Criança no Samba”, entre 2021 e 2022, com apoio do Instituto NeoEnergia.

¹³ Em particular o acervo de Milton Primo e da Associação Cultural Zé de Lelinha.



sustentar e somar aos trabalhos realizados pelas comunidades de samba de roda e colaboradores.

Referências bibliográficas

BATES, Eliot. The social life of musical instruments. *Ethnomusicology*, Birmingham, v.56, p. 363-395, 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. 8 reimp.. São Paulo: EDUSP, 2019. 416 p.

CARMO, Raiana Alves Maciel Leal do. A. *A política de salvaguarda do patrimônio imaterial e os seus impactos no samba de roda do Recôncavo Baiano*. Salvador, 2009. 150p. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DAWE, Kevin. Guitars ethnographies : performance, technology and material culture. *Ethnomusicology Forum*, v. 22, n.1, p. 1-25, 2013.

DÖRING, Katharina. Conversa com Mestre Milton Primo – Violeiro, cantador e compositor. *Pontos de Interrogação*, v.8, n.2, p. 239-256, 2018.

GRAEFF, Nina.; PINTO, Tiago de Oliveira. Música entre materialidade e imaterialidade: os tons-de-machete do Recôncavo Baiano”, *MOUSEION*, n. 11, p. 72-97, 2012.

GRAEFF, Nina. *Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda*. Salvador: EDUFBA, 2015. 167p.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O historiador e as políticas públicas sobre patrimônio cultural. In: SANDRONI, Carlos; DE SALLES Sandro Guimarães (ORG.). *Patrimônio cultural em discussão: novos desafios teórico-metodológicos*. Recife: Editora Universitária, 2013, p. 212-231.

HAFSTEIN, Valdimar. Celebrando diferenças, reforçando conformidade. In: SANDRONI, Carlos; DE SALLES Sandro Guimarães (ORG.). *Patrimônio cultural em discussão: novos desafios teórico-metodológicos*. Recife: Editora Universitária, 2013, p.14-39

IPAC. Notificação Publicada. Institui Patrimonialização do modo de saber e fazer da viola machete. Secretaria de Cultura/BA. Diário Oficial da União, Salvador, BA, ano 106, n.23.341, 27 jan. 2022.

IPHAN. *Samba de roda do Recôncavo Baiano – Dossiê 4*, Brasília: IPHAN, 2006.

LORDELO, Petry Rocha. *O samba chula de cor e salteado em São Francisco do Conde/BA: Cultura Populá e Educação Não-escolá para além da(o) capitá*. Salvador, 198 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.





NOBRE, Cássio. *Viola meu bem: violas e violeiros nos sambas do recôncavo*. Salvador, 2021. 229p. Dissertação ampliada e revisada (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

PRIMO, Milton.; Andressa Marques, SIQUEIRA. Projeto Essa Viola dá Samba! O resgate da viola machete e a salvaguarda do samba de roda baiano. *Práticas de gestão - Série Cadernos da Salvaguarda de Bens Registrados n.1*, Brasília: IPHAN, p.41-55, 2020.

SANDRONI, Carlos. Questões sobre o dossiê do samba de roda. *Registro e Políticas de salvaguarda para as Culturas Populares - Série Encontros e Estudos*. Rio de Janeiro, v.6, p.45-53, 2005.

SANDRONI, Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, p. 373-388, 2010.

SANDRONI, Carlos; SAMSON, Guillaume. O reconhecimento do samba de roda brasileiro e do *maloya* da Ilha da Reunião como Patrimônio Imaterial da Humanidade. In: SANDRONI, Carlos; DE MORAIS, Jorge Ventura (ORG.). *Música e sociedade: trânsitos, patrimônios e inovações* [recurso eletrônico]. Maceió: EDUFAL, 2020, p.12-29.

SATOMI, Alice Lumi. Vislumbrando uma Organologia da Música Brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIACAO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA (ABET), IV, 2008, Maceió/AL, *Anais do IV Encontro Nacional da ABET – A etnomusicologia e a produção do conhecimento*, p.24-31, 2008.

SIQUEIRA, Andressa Marques. *A conservação do Patrimônio Cultural Imaterial em sua relação com os usos dos bens naturais: uma análise a partir das experiências de salvaguarda da roda de capoeira e do samba de roda*. São Paulo, 2019. 274p. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TAYLOR, Diana. Performance e patrimônio cultural intangível. *Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v.1, n.1, p.91-103, 2008.

TUCCI, Roberta. Etnomusicologia e beni culturali immateriali: pertinenze, competenze, processi. In: ADAMO, Giorgio; GIANNATTASIO, Francesco (ORG.). *L'etnomusicologia italiana a sessante anni dalla nascita del CNSMP (1948-2008)*. Roma, Itália: Accademia Nazionale di Santa Cecilia, 2013, p. 209-224.

VERAS, Rodrigo Chaves. Essa Viola dá Samba! São Francisco do Conde/BA. *Blog Corpo Du Som*. Recife. 09 fev. 2015. Disponível em:
<https://corpodusom.blogspot.com/2015/02/essa-viola-da-samba-sao-francisco-do.html>.
Último acesso em: 05 set. 2022.

